

Há algo errado na escola que temos

9661 110 20

Assim como o BigMac ou um show de rock, também educação passou a ser um bom modelo para comparações internacionais. Com uma curiosa diferença: não são as soluções, mas os problemas que servem como medida, pois, ao que parece, são exatamente os mesmos por toda a parte.

Acadêmicos norte-americanos compareceram ao Instituto de Educação da Universidade de Londres (um impressionante centro



O problema está no sentido que vem sendo dado à educação em toda a parte

de produção de tecnologia e de debates sobre problemas educacionais) para, diante de uma plateia lotada, desmontar ponto por ponto qualquer veleidade de considerar boas as soluções dos dramas educacionais do seu país. Nada é diferente com professores alemães, para mencionar um exemplo europeu, entre outros. Esses profissionais da educação não escolheram Londres para expor suas idéias porque apreciam o cenário turístico da cidade, e sim porque, tudo indica, a Inglaterra é uma boa síntese — vivida por país desenvolvido — do que é uma crise educacional.

Na última semana de agosto, toda a imprensa inglesa séria abriu manchetes para os resultados de estudo do

School Curriculum and Assessment Authority mostrando que a média dos alunos de 11 anos de idade estava, no mínimo, dois anos abaixo dos padrões deles esperados em Matemática. No estudo da Língua Inglesa as coisas eram um pouco diferentes: o atraso em relação ao esperado era de 18 meses! O assunto foi tratado como escândalo, igual a qualquer outro envolvendo membros da família real; em especial quanto aos dados relativos ao ensino da Língua

Inglesa. Isso exatamente na semana em que se iniciava o ano letivo.

Era só o começo, o primeiro alerta. Logo depois foi a vez do caso de expulsão da escola de um garoto de 10 anos que "não respeitava as regras". Os jornais e especialmente a televisão mostravam sem parar que o problema não era o garoto, mas os professores, que não sabiam o que fazer com ele, com sua curiosidade excessiva. A associação dos professores bateu o pé e a expulsão do garoto foi mantida, com o apoio dos outros países.

O problema piorou mesmo quando — em nome dos princípios — o Northamptonshire County Council, digamos, a administração regional de on-

de de a criança mora, concordou em pagar 14 mil libras anuais para que o intrépido curioso fosse educado separadamente por professores particulares. Aí, sim, o mundo veio abaixo, com os pais das outras crianças (que se devem contentar com os professores que têm) literalmente "fazendo greve", não deixando as crianças entrar na escola.

A imprensa enfocou a questão como devia: na qualidade do ensino ministrado. O assunto foi desaparecendo aos poucos, cedendo o espaço que a educação tem nos jornais à diminuição do número de professores. Como eleições estão por perto, o assunto tomou cor política, com os conservadores no poder tentando desmentir os números oferecidos pela oposição trabalhista. O problema está longe de ser político: números de um estudo do Departamento de Educação e Emprego, analisando os danos para crianças e adolescentes da ausência de professores do sexo masculino na escola, tornam indiscutível a evidência de que o problema da diminuição existe mesmo. Para quem está acostumado a lamentar as condições de vida e de trabalho dos professores brasileiros, não há novidade nenhuma quanto aos motivos para que o problema da ausência de professores apareça, como os listados no documento oficial inglês.

Sobra o clima vivido no cotidiano escolar. Uma pesquisa com 24 mil

adolescentes por todo o Reino Unido, da Exeter University, mostra que 30% dos meninos entre 14 e 15 anos e 17% das meninas na mesma idade carregam "algum tipo de arma para proteção pessoal" quando vão à escola. O sentido de arma começa na nossa popular navalha e, no final de setembro, foi assunto de destaque um jovem de 14 anos com arma de fogo na escola.

Especialistas olham para essa realidade num país com 58 milhões de habitantes e produto interno da ordem de US\$ 1 trilhão e batem na tecla certa: há algo errado na escola que temos. Por enquanto, os doutores continuam reunindo todos os sintomas do mal. Há um consenso: educação está longe de ser um problema apenas de dinheiro, embora, obviamente, onde ele falta demais, tudo fique pior. Os acadêmicos mais serenos e menos dotados de certezas, de qualquer tipo, repetem que o problema está no sentido que vem sendo dado à educação em toda a parte.

Há algum tipo de problema na idéia de escola que temos, neste momento da civilização, com todos os apelos tecnológicos que nos cercam. Por enquanto se sabe apenas que o "como" está mais doente do que o "que" a escola ensina. É só a primeira pista para a solução de um grande problema. Mas parece promissora.